

*ENVELHECIMENTO DOS PRODUTORES
NO MEIO RURAL NA REGIÃO
DO ALTO JACUÍ/RS E CONSEQUENTE
MIGRAÇÃO PARA CIDADE*

Claudia Maria Prudêncio De Mera¹
Carlos Guilherme Adalberto Mielitz Netto²

resumo

Objetivou-se nesta pesquisa analisar os fatores relacionados com o envelhecimento da população rural na região do Alto Jacuí (RS), que interferem na diminuição do número de residentes do meio rural. O campo empírico do estudo foram os 14 municípios da região do Alto Jacuí, através do recorte espacial metodológico do Conselho Regional de Desenvolvimento – Corede – Alto Jacuí. Através de amostragem por acessibilidade, foram realizadas 171 (cento e setenta e uma) entrevistas, abrangendo produtores que venderam ou arrendaram suas terras e migraram para a cidade, compradores ou arrendatários e Segmentos Rurais. A análise dos dados qualitativos foi

1 Graduada em Ciências Econômicas. Doutora em Desenvolvimento Rural - UFRGS. Professora do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e do Mestrado em Práticas Socioculturais da Universidade de Cruz Alta. E-mail: cmera@unicruz.edu.br.

2 Graduado em Engenharia Agrônômica. Doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – UFRGS. E-mail: mielitz@ufrgs.br.

realizada pelo método de análise de conteúdo, assim, a descrição dos dados da pesquisa apresentam extratos retirados diretamente das anotações originais. Os resultados da pesquisa indicam que a saída dos idosos aposentados para a cidade do seu município, parece transparecer um processo natural neste modelo de desenvolvimento. Assim, a diferença entre o rural e o urbano, quando se trata da infraestrutura relacionada aos serviços quais necessita o idoso, principalmente os de saúde, faz com que ele busque fora do meio rural esta tranquilidade.

palavras-chave

População. Envelhecimento. Desenvolvimento. Migração.

1 Introdução

Algumas razões são apontadas como causas da diminuição da população no meio rural. O estudo proposto na abordagem de Todaro (1979) aponta fatores econômicos e não econômicos como causadores desta problemática, pois considera a mobilidade um meio de ajustamento propício para o mercado de trabalho, explicado no pensamento marshalliano, decorrente da existência de economias de aglomeração.

Para entender esse contexto, o presente estudo se propõe estudar, mais profunda e minuciosamente, a diminuição da população rural, tendo como *locus* da pesquisa a região do Alto Jacuí, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, onde a atividade agrícola é parte da sua base econômica e a terra, enquanto base principal dessa atividade, está voltada à agricultura intensiva. Essa característica concentracionista teve origem na sua formação histórico-econômica e ainda permanece no quadro atual, constituindo um complexo de processos e dinâmicas sociais e econômicas que definiram o ritmo do desenvolvimento da região.

Nos últimos anos, a região do Alto Jacuí vem apresentando uma acentuada diminuição no número de pessoas residentes no meio rural, representando uma queda de 55,85% no somatório dos municípios, de 1960 até 2010. Chama atenção a diminuição da população rural nos anos 80, com queda de 19,20%, índice superior ao do estado e do país. Nos anos posteriores a 1980, o número de pessoas residentes no meio rural continua diminuindo, porém em ritmo menor. No entanto, no período de 2000 a 2010 este número

diminui 20,74%, representando o maior índice desde 1960. No estado esta queda é de 14,72% e no país 6,30%. (IBGE, 2006).

Enquanto a população rural diminuiu, em termos absolutos e relativos nos últimos anos, a população com mais de 60 anos aumentou 64,78% (tanto no meio rural quanto no urbano) e representa 19,80% do total da população. No meio rural, essa população aumenta 33,32% nesse período e representa 10,03% da população total em 2000 e 11,51% em 2010, segundo dados do IBGE (2010).

Assim, uma geração que nasceu no final da 2ª guerra mundial está reconfigurando o meio rural da região. Se, por um lado, o envelhecimento da população e a sua natural migração para a cidade é a segunda variável que mais interfere na diminuição da população rural na região, segundo Mera (2011), por outro, 11,00% dos que continuam residindo nas propriedades rurais na região do Alto Jacuí têm mais de 60 anos. Esta realidade certamente induz alguns paradigmas para as próximas décadas, quando esta população rural morrer ou envelhecer mais ainda, quem ficará no meio rural?

Diante desse contexto, o objetivo do estudo é analisar os fatores relacionados com o envelhecimento da população rural na região do Alto Jacuí (RS), que interferem na diminuição do número de residentes do meio rural.

2 Metodologia e procedimentos do estudo

Utiliza-se como universo de estudo a região do Alto Jacuí, sendo o recorte espacial utilizado pelo Conselho Regional de Desenvolvimento – COREDE – Alto Jacuí. A região está situada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Segundo os dados da Fundação de Economia e Estatística – FEE (2010), com uma área de 6.906,5 km², a população total da região é de 155.278 habitantes (84% Urbana e 16% Rural) e é composta de quatorze municípios (Boa Vista do Cadeado, Boa Vista do Incra, Colorado, Cruz Alta, Fortaleza dos Valos, Ibirubá, Lagoa dos Três Cantos, Não-Me-Toque, Quinze de Novembro, Saldanha Marinho, Salto do Jacuí, Selbach, Santa Bárbara do Sul e Tapera). Os municípios que têm o maior número de habitantes são: Cruz Alta (65.819), Ibirubá (18.937), Não-Me-Toque (15.560), Salto do Jacuí (12.437), Tapera (10.530) e Santa Bárbara do Sul (19.022), os demais municípios têm menos de 5.000 habitantes.

Para alcançar os objetivos do estudo, foi realizada uma pesquisa descritiva. Para um maior aprofundamento da realidade empírica, esta pesquisa tem abordagem qualitativa. A análise dos dados qualitativos foi realizada

pelo método de análise de conteúdo, dessa forma, prevê-se uma pré-análise, a exploração, a inferência e a interpretação dos dados coletados. Este método de análise objetiva classificar palavras, frases, ou mesmo parágrafos em categorias de conteúdo, comparando as respostas. Segundo Ribeiro e Nodari (2001), a estratégia é tratar os dados descritivos como fato, ou seja, que os dados falem por si mesmos. Os próprios informantes apresentam o relato, preservando cada palavra originalmente falada pelo entrevistador e pelo entrevistado. A descrição dos dados da pesquisa apresenta extratos retirados diretamente das anotações originais.

A discussão semântica sobre conceitos e definições de população rural ou de meio rural encontrados na literatura especializada é abrangente, nesta pesquisa trabalha-se com o conceito utilizado pelo IBGE (2010), que define administrativamente população rural como sendo aquela que está além dos limites do perímetro urbano. Cabe salientar que este estudo foi realizado na cidade, ou seja, no espaço urbano com a população oriunda do meio rural.

Do mesmo modo, o conceito de idoso, segue o recorte conceitual do estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que define Idoso as pessoas com 60 anos ou mais. No entanto, quanto ao recorte etário para aposentadoria, considera-se a diferença entre o espaço urbano e o espaço rural, uma diferença de cinco anos a menos para o rural. Para o homem no espaço urbano, o recorte é de 65 anos e, para o homem rural, 60 anos. Para mulher urbana, o recorte é de 60 anos e, para a ruralista, 55 anos.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi efetuada pesquisa de campo, realizada a partir da aproximação progressiva, por amostragem intencional e por acessibilidade. O período de realização das entrevistas foi de abril a dezembro de 2010, através de visitas *in loco* do pesquisador, em todos os municípios da região. Foram realizadas 171 (cento e setenta e uma) entrevistas semiestruturadas, abrangendo 82 (oitenta e dois) entrevistados que venderam ou arrendaram suas terras e migraram para a cidade. 38 (trinta e oito) entrevistados compradores ou arrendatários e 51 (cinquenta e um) Segmentos Rurais. Também fizeram parte da pesquisa, considerados neste último número, o Responsável Técnico pelo escritório da Agência Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, localizado no município de Cruz Alta, os diretores comerciais da Cooperativa Agrícola Mista General Osório Ltda. (Cotribá) e da Cooperativa Agropecuária e Industrial (Cotrijal), pois ao longo da pesquisa de campo estas cooperativas foram frequentemente citadas pelos entrevistados. No município de Salto do Jacuí, por não haver na época das entrevistas um Secretário da Agricultura, optou-se por entrevistar a Inspetoria Veterinária, que

presta assistência técnica aos produtores do município e região. A Fundação Centro de Experimentação (Fundacep), a Cooperativa Tritícola Taperense Ltda. (Cotrisoja) e a Cooperativa Central Gaúcha Ltda. (CCGL) foram convidadas a participar da pesquisa, porém não se pronunciaram a respeito.

As temáticas abordadas nas entrevistas para todos os entrevistados foram: histórico das transformações históricas na região, caracterização, condições sociais e econômicas dos produtores antes e depois que saíram do meio rural, sucessão à atividade rural e diminuição da população rural.

3 Marco teórico

3.1 Aspecto demográfico, migração e desenvolvimento agrícola

Este subitem procura introduzir, sob o ponto de vista teórico, os processos migratórios e suas interfaces com o desenvolvimento agrícola em seus diversos aspectos. Inicia-se a discussão com a formação do contingente populacional.

3.1.1 Contingente populacional e as atividades agrícolas

O povoamento do planeta pela raça humana, que partiu da África em direção à Ásia, depois para o continente Europeu e norte dos Estados Unidos, acentuando-se para os demais continentes, em maior ou menor contingente, está relacionado principalmente a adaptações dos fatores climáticos e topográficos e à disponibilidade de água, o que proporciona maior possibilidade de desenvolvimento de atividades agrícolas.

Mazoyer (1998) enfatiza que antes do desenvolvimento da atividade agrícola, a população humana havia atingido os limites da possibilidade de exploração de algumas espécies, a ponto de fazê-las regredir ou mesmo desaparecer. Segundo ele, a população humana passou de cinco a 50 milhões de habitantes entre 10.000 e 5.000 anos, este aumento foi essencial ao desenvolvimento da agricultura neolítica. Posteriormente, entre o ano 1.000 a.C. e o ano 1.000 d.C., a população mundial mais que dobrou, devido ao desenvolvimento dos sistemas hidráulicos de rizicultura de várzea no continente asiático. A contribuição da agricultura europeia ao aumento da população mundial só se tornou marcante com a revolução agrícola da Idade Média.

Com o passar dos séculos, o contingente populacional no mundo aumenta, conforme afirma Rossetti:

O crescimento populacional da Pré-História até a Era Cristã, foi muito lento, além do que teriam ocorrido, com certa frequência, grandes baixas populacionais devido sobretudo às guerras e às pestes. Estimativas realizadas da população revelam que durante os 600 mil anos transcorridos antes da Era Cristã, a taxa anual de crescimento da população mundial teria sido de 0,002%. Se permanecesse esta taxa a população mundial só dobraria a cada 300 séculos. Nos primórdios da Era Histórica, o avanço populacional já revelaria apreciável aceleração. O número de habitantes do mundo duplicaria em cada 30 séculos. [...] em 1650 a população mundial contava aproximadamente em 540 milhões de indivíduos, e a taxa de crescimento anual próxima a 0,3%. Ainda pode ser considerada uma taxa baixa. No século XVIII, todavia o quadro alterar-se-ia completamente. As populações começaram a crescer vertiginosamente, rompendo-se o equilíbrio entre as taxas de natalidade e mortalidade. [...] Atualmente o crescimento da população mundial processa-se a uma taxa de 2%, mil vezes maior do que na Pré-história. [...] no ano de 2070, será alcançado o vigésimo quinto bilhão de habitantes. (ROSSETTI, 1978, p. 438-439).

A relação entre o aumento do contingente populacional e a atividade agrícola está implícita e diretamente ligada ao espaço agrícola, que nada mais é do que o conjunto de relações entre a população rural, a terra em que ela trabalha e o produto desse trabalho. O espaço agrícola é descrito por George (1982) como sendo um fato da geografia humana por resultar de uma ação voluntária diferencial do grupo humano em relação a um espaço já ocupado por uma vegetação natural. “Trata-se então da substituição de um meio biológico com pouco ou nenhum valor de utilização para o homem por um meio biológico útil. [...] uma mutação dos processos vitais que promovem a reprodução e a multiplicação das espécies”. (GEORGE, 1982, p. 19).

Segundo Albuquerque e Nicol (1987), a atividade agrícola passou por vários estágios, contribuindo em maior ou menor proporção para o aumento da população e seu movimento migratório, principalmente o rural.

[...] alguma forma de agricultura errante deve ter sido adotada originalmente pelos agricultores pioneiros, na maioria das regiões do mundo, e desta forma este tipo de agricultura pode ser considerado simplesmente como uma expressão de um estágio de civilização-um estágio através do qual a maioria dos sistemas agrícolas passou num determinado período”. Segundo o autor, este tipo de agricultura apresenta uma série de vantagens com relação a outros tipos. Primeiramente requer pouquíssimo capital. Mas, talvez o aspecto mais importante, e que lhe confere inclusive sua razão de ser nas fases iniciais do “desenvolvimento”, é o fato de requerer um menor volume de mão de obra para produzir um

determinado volume de produção, do que qualquer outro tipo de exploração agrícola. À medida que a densidade for aumentando, esse tipo de agricultura se constituirá num problema, requerendo a mudança para alguma outra forma de exploração da terra. Seria um segundo estágio, caracterizado pela utilização da maior parte de mão de obra no setor agrícola, com uma baixa utilização de bens de capital, mas a agricultura seria permanente. Em um terceiro estágio ocorreria com o aparecimento do setor industrial empregando técnicas capital-intensivas, poupadoras de mão-de-obra. O último estágio se caracteriza por uma agricultura extremamente sofisticada, pouco absorvedora de mão-de-obra. (ALBUQUERQUE; NICOL, 1987, p. 02).

Mesmo sendo o desenvolvimento da agricultura um dos fatores que interferem no aumento ou diminuição da população, essa variação dependerá de outras condições sociais e culturais.

Se, em todo caso, o volume da produção agrícola limita forçosamente o número de homens, acontece que um aumento da produção agrícola não é suficiente, por si só, para conduzir ao aumento da população. Para isso, é preciso ainda que muitas outras condições sociais e culturais que comandam a natalidade e a mortalidade sejam realizadas. Mas para que uma população possa aumentar, ou mesmo simplesmente se renovar, é preciso, sobretudo, que a produção de um trabalhador agrícola, isto é, a produtividade do trabalho agrícola, seja pelo menos igual à soma de suas próprias necessidades e das necessidades de todos aqueles que ele deve alimentar. De fato, não se pode esquecer que em uma sociedade qualquer que seja a maioria dos indivíduos (velhos, crianças, deficientes, pessoas que possuem outras atividades que a de agricultor etc.) não produz sua própria alimentação. (MAZOYER, 1998, p. 95).

Segundo George (1982), no século XX o mundo era essencialmente rural, e mais da metade da população retirava da atividade agrícola seu meio de vida, não havendo lugar nesse meio para quem não retirasse da terra seu sustento, principalmene nos países subdesenvolvidos. Na mesma obra, o autor define população rural como sendo aquela que compreende todos os indivíduos que compõem a população agrícola, comerciantes e os que não estão disponíveis para o trabalho pela idade ou por alguma outra limitação.

Devido à interferência do desenvolvimento agrícola no aumento e na distribuição da população mundial nos séculos XIX e XX, nos países mais desenvolvidos a expansão populacional foi acentuada, mas acompanhada de medidas econômicas e sociais que, diminuindo as taxas de mortalidade, melhoraram as condições de vida da população, que cresce de forma moderada. Por outro lado, nos países subdesenvolvidos a população cresce de forma desgovernada. Sobre o crescimento populacional nos países subdesenvolvidos, Rossetti (1976)

afirma que a aceleração do crescimento demográfico no pós-guerra atinge sobretudo as áreas subdesenvolvidas como Ásia, África e América Latina. De 1950 até 1960, a população mundial cresce em 500 milhões de habitantes, passando de 2,5 bilhões para 3 bilhões; 80% desse crescimento ocorreu em países subdesenvolvidos, esse índice se repete nos anos subsequentes.

Vários fatores podem explicar a densidade demográfica: a descoberta do fogo, a invenção da roda e principalmente as inovações agrícolas. Algumas teorias têm procurado analisar o aspecto demográfico e suas consequências na sociedade, muitas influenciando políticas e programas, além de outras novas teorias.

4 Resultados e análises

Inicia-se a descrição dos dados a partir da caracterização dos entrevistados que adquiriram, arredaram ou venderam terras na região e que não residem no meio rural. Quanto ao gênero, a maior parte dos entrevistados, 78,05%, são do sexo masculino. Com relação à idade, 11% dos entrevistados têm menos de 40 anos, 47% têm entre 40 e 60 anos, e 42%, mais de 60 anos.

Quanto à atividade produtiva principal que respondia pela renda da família no período anterior à venda ou arrendamento, na safra de verão, a soja respondia por 88,88% da área destinada para este período, seguida da produção de milho, pecuária de leite e de corte. Para a produção de soja, destinava-se 80% da área para 40,98% dos entrevistados, e 25,35% dos entrevistados produziam em 100% da área. A cultura do milho era produzida em menos de 30% da área. Na atividade leiteira, 30% dos produtores utilizavam 100% da área predominantemente na produção de leite, e 60% afirmaram que a produção ocorria em menos de 20% da área. Quanto às safras de inverno, conforme relato dos entrevistados, percebe-se que a produção de trigo e pastagens representa as atividades produtivas principais, com 62,02% e 50,63%, respectivamente.

Com relação ao tamanho da área dos estabelecimentos rurais, a ampla maioria dos entrevistados, ou seja, 72% possuíam área de terras com menos de 50 hectares antes de sair do meio rural, sendo que destes, 34% dos entrevistados possuíam área entre 10 e 30 hectares, e 20% menos de 10 hectares. Foi perguntado aos entrevistados há quanto tempo estavam nas propriedades na atividade agropecuária quando saíram do meio rural; 79% dos produtores estavam há mais de 20 anos no meio rural. As propriedades em que residiam foram adquiridas através de herança no caso de 34% dos entrevistados, 28%

através de compra e 26% das duas formas. Dos que adquiriram através de compras, 78,26% foram de outros produtores e 21,73% de outros familiares; quanto à herança, 51% foram da família da esposa e 49% dos pais. As outras opções foram posse e arrendamento.

A seguir serão abordados os fatores relacionados com o envelhecimento da população rural na região do Alto Jacuí e a diminuição da população rural.

4.1 Envelhecimento dos produtores no meio rural na região do Alto Jacuí/RS e conseqüente migração para cidade

Segundo Neves, Chaddad e Lazzarini (2002) a população mundial cresce a uma taxa de aproximadamente 1,5% ao ano, porém, a população com mais de 60 anos cresce 2,7% ao ano. Nos países desenvolvidos, estima-se que nos próximos anos a população com mais de 60 anos corresponderá a mais de 20% do total de habitantes. Segundo os autores, a realidade destes países e de outras regiões do Brasil é que a permanência do aposentado no meio rural não se altera e nem suas estruturas sociais, pois é ali onde ele encontra melhores condições de vida e é onde estão suas raízes.

Para Gonçalves (1995), entre os anos de 1940 e 1960 as taxas de mortalidade brasileira declinaram rapidamente, enquanto as taxas de fecundidade mantiveram-se constantes. A consequência foi um amplo crescimento populacional, mantendo-se inalterada a distribuição etária, caracteristicamente jovem. Nos anos 70, a acentuada redução das taxas de fecundidade passa a apresentar um significativo descenso. Os resultados da nova dinâmica demográfica consubstanciam-se não só na atenuação e reversão das altas taxas de crescimento populacional, mas também na desestabilização da estrutura etária, iniciando-se um intenso processo de envelhecimento populacional, com importantes conseqüências para a política social do país.

Os resultados desta pesquisa, na região do Alto Jacuí/RS, contradizem os estudos de Neves, Chaddad e Lazzarini (2002) citado anteriormente, e mostram que a variável mais citada pelos segmentos entrevistados, que interfere na diminuição da população rural, é que após a aposentadoria dos produtores rurais estes preferem residir na cidade, pela facilitação de acesso a serviços básicos como a saúde, por exemplo, também em razão de seguirem seus filhos que migraram para a cidade em busca de estudos ou emprego, ou porque estão sozinhos e com a idade avançada, não conseguindo dar conta das rotinas diárias que a atividade rural exige, como se pode verificar nestes relatos:

[...] Produtor mais envelhecido e com pouca renda, não serve de estímulo para que os filhos fiquem conduzindo as atividades, principalmente em modelos de culturas *comoditizadas* e com módulos menores de área. [...] O Brasil já deixou de ser de jovens em 2000. Então caminhamos rapidamente para o envelhecimento, o meio rural que envelhece rapidamente nos trará certamente alguns paradigmas para as próximas décadas quando esta população rural morrer, quem ficará na atividade agropecuária? (Representante da Cotrijal).

Os pais que estavam na propriedade acabavam deixando um filho lá, se aposentaram e vão atrás do filho que está estudando. Existem vários agricultores que residem no meio urbano, abandonam a suinocultura, o leite, mas mantêm arrendado. Agora estou aposentado e não dependo mais trabalhar tanto, na mentalidade dele. Eles mentalizam, no momento em que me aposento eu vou morar na cidade. Diversos fatores fazem com que o produtor saia do campo e migre para a cidade em nosso município. Entre eles o principal é certamente a aposentadoria. (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibirubá).

Quem está ficando na agricultura são os mais velhos, os que estão aposentados, e os filhos que estudam, não estudam para ficar lá. Não estão conscientizados de que têm que ficar lá, estão indo para a cidade e estão ficando lá, só o casal de velhos. Às vezes fica o filho junto, às vezes fica o filho que mora mais próximo, na verdade com o tempo estes velhinhos acabam se sentindo sozinhos no interior e vendendo a propriedade e indo para cidade também, porque ficaram mais perto dos recursos e com isso a grande propriedade vai aumentando e as pequenas vão terminando. (Secretaria da Agricultura de Selbach).

A evolução da tecnologia, o pequeno agricultor não consegue acompanhar, comprar equipamentos e com condições precárias para trabalhar, os filhos dos agricultores vêm para a cidade, em consequência disso, os pais se sentem sós na agricultura, vendem sua propriedade e vêm para cidade atrás deles. (Secretaria da Agricultura de Ibirubá).

Diminuiu. Lá onde eu morava o que eu tinha de vizinhos, e sobrou pouco, alguns vizinhos vieram porque estavam doentes, outros venderam e foram para outra região. Tem um granjeiro mais forte e o pequenininho. [...] Hoje 60% da população rural está já residindo na cidade por esses motivos que já citei e fora que as terras aqui valem bem, aí os pequenos vendem e reinvestem em propriedades na cidade, tem mais vindo para cidade para procurar emprego. O pai dele morando na cidade, agora vem o genro também, e trabalhar pra ter tufo não adianta. Muita gente vem fugindo do interior por causa dos roubos, pois um casal como nós se entrasse um ladrão, te fecha dentro de um banheiro e fazem o que bem entende. [...] Se você olhar este lado da cidade, são tudo agricultor que saiu do meio rural e veio pra cá, a coisa está encolhendo cada vez mais. Quem veio vendeu a terra, pegou aquele dinheiro na hora e comprou uma casinha, pois ele disse que quanto mais ele esperava, pior ia ficar. Se você for pro interior, você vê muita casa abandonada. Aqui é uma cidade que não tem firma, não tem nenhuma fabrica pra nós. Aqui se pegar

os três Antonio que saíram, o Mosca, o Irmo, o Hélio, o Franciscão, Valente, Pires o Sheter, são 10 famílias que eu conheço que saiu ali numa vilazinha. (E21A - Saldanha Marinho).

Sendo a atividade de produção de grãos, bem como a de pecuária, totalmente mecanizada, exigindo pouca mão de obra, o produtor que já trabalhou durante 60 ou 70 anos deixa seu sucessor na propriedade e migra para a cidade, em busca de um melhor padrão de vida com o salário de aposentadoria, geralmente dos dois cônjuges. O filho que ficou no campo melhora o padrão de vida dos pais, contribuindo com tudo o que é produzido, como carnes, ovos, hortaliças, frutas, leite e seus derivados, mandioca, farinha de trigo, etc. Assim, parte da população com idade acima de 60 anos, que está no campo e algumas pessoas que estavam na cidade e voltaram ao campo onde têm propriedade rural, estão apenas aguardando sua aposentadoria para vir para a cidade.

Porém, o principal fator que faz a migração do campo para a cidade é o problema de doenças ou outro mal que limita as atividades rurais, pois estas devem ser feitas com sol ou chuva. A qualidade de vida encontrada na cidade é importante, como o acesso a hospitais, farmácias e atendimento médico, além da participação em inúmeras atividades de terceira idade, tais como bailes durante o dia, atividades de ginástica, bingos, reuniões de grupos, etc. Essa qualidade de vida também é oferecida no interior, mas muitos aposentados já não conseguem mais dirigir veículos para se deslocarem até a sede comunitária, ficando na dependência dos filhos que, muitas vezes, precisam ficar na propriedade trabalhando, impossibilitando a participação do homem rural nas atividades comunitárias, conforme os relatos a seguir:

O grande responsável foi à saúde da minha mulher que estava com mal de Alzheimer, eu não queria vir embora, mas fui convencido pelo médico, pois ela já estava ficando com depressão lá fora. Lá não tinha médico especialista e precisava vir correndo, quando precisava de ajuda. Ela se adaptou bem aqui na cidade. (E42A - Boa Vista do Inkra).

Meu marido ficou doente devido ao derrame e não podia trabalhar e eu com idade avançada não podia trabalhar também. Eu agora tenho problema de coração e não posso trabalhar na lavoura. Assim, a idade avançada não permitiu uma boa condição de vida no meio rural, assim vim pra cidade, pela minha saúde debilitada a procura de recursos e melhores condições de vida. (E32A - Saldanha Marinho).

A coisa começou a ficar complicada, devido a problemas de saúde da minha esposa, ocorridos por motivo de falecimento do nosso filho. Ficamos sozinhos. Os outros dois filhos saíram de casa, um casou o outro foi estudar, aí ficou sem ter quem me ajudasse com a lavoura. (E21A - Quinze de Novembro).

Meu marido morreu (enforcado), meus filhos vieram para cidade e eu me vi sozinha para criar 6 (seis) filhos. [...] Chorei muito. Tinha a bicharada pra cuidar e tinha medo de deixar sozinho, pois podia voltar e não encontrar nada. Não tinha outra alternativa. [...] Além disso, estava ficando velha e doente. [...] Por estar sozinha depois de viúva e estar aposentada, não poderia mais ficar no interior, vim cuidar da saúde em local mais próximo. (E72A - Cruz Alta).

Foi devido ao falecimento do meu esposo (suicídio), mais ainda fiquei um pouco lá no interior com as minhas filhas, elas foram crescendo e fui para cidade cuidar dos meus pais que tinham problemas de saúde e porque nossa casa ficava longe de tudo, precisávamos de alguém que nos ajudasse. (E17A - Lagoa dos Três Cantos).

[...] Acredito que os aposentados que saem das propriedades e vão para as sedes das comunidades ou para a sede do município. Existem vários programas hoje para a 3ª idade: grupos de hipertensos, diabéticos, ginástica, lazer (bailes). Outros programas que têm atraído pessoas para as cidades foi a centralização dos estudantes que antes estudavam em escolas do interior, programas sociais como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, proximidade de hospital, posto de saúde, remédios, dentistas, PSF, tudo de graça. (Emater de Fortaleza dos Valos).

Todo esse processo que vem ocorrendo na agricultura leva para um envelhecimento do meio rural, pois as famílias além de terem poucos filhos, esses acabam indo para a cidade em busca de ganhos sem muito trabalho. Outro fator que nos chama atenção é a masculinização do interior, pois as meninas são as que mais abandonam o interior ficando na agricultura apenas os homens. (Emater de Salto do Jacuí).

[...] Tivemos no decorrer do período de 1970 pra cá um envelhecimento da população rural, juntamente com isso, reduziu o número de filhos tanto na área urbana quanto rural, as mulheres diminuíram a fecundidade, diminui a natalidade. O que ocorreu também neste sentido, nestas últimas décadas, a disseminação do planejamento familiar, controle de natalidade, e estabilização de conscientes nas periferias dos municípios, onde os governos estaduais incentivaram, através da sua secretaria da saúde, gabinete das primeiras damas, políticas fortes na área social, voltadas para que a população de periferia tivesse menos filhos que repercutiu também para não termos um crescimento demográfico forte, como era há três, quatro décadas atrás. (Agência do IBGE de Cruz Alta).

Se tu pegar a comunidade em que eu moro, antes todos os finais de semana, tu via lá na igreja, lá no campo de futebol, cheio de gente, hoje não tem mais. Não forma mais nem um time de futebol, esse é o sinal idêntico do que está acontecendo. Então hoje se tu quiseres fazer uma reunião lá no interior, tu encontra uma dificuldade para juntar pessoas, pois quem está lá são os mais idosos, que dizem bom eu já estou aposentado e não preciso mais ficar me envolvendo, minha idade já está avançada, já me aposentei, agora não tenho interesse mais nisso. (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruz Alta).

Com a saída os filhos para estudar e/ou ir em busca de trabalho no meio urbano, alguns desses produtores que permanecem no meio rural depois de aposentados, acabam seguindo os filhos, porque estão sozinhos e com a idade avançada, não conseguindo dar conta das rotinas diárias que a atividade rural exige. Por possuírem condições econômicas e sociais satisfatórias, devido ao capital construído ao longo dos anos, afirmam que esperam um futuro promissor para si e sua família, repetindo com frequência: “nossos filhos já estão formados e encaminhados na vida, e nós só vamos descansar”. Assim, grande parte dessa população que sai do meio rural é aposentada e tem uma vida tranquila, mesmo que na maioria das vezes demorassem a se adaptar à nova realidade na cidade.

Para amenizar a falta de contato com o meio rural, essas pessoas estão produzindo milho verde, milho pipoca, feijão, hortigranjeiros, frutas, entre outros produtos, no meio urbano. É uma forma de não perder o contato com a terra. Este fato está ocorrendo em municípios onde existe espaço de área maior para essa finalidade dentro do município, como Saldanha Marinho, Fortaleza dos Valos, Quinze de Novembro. Em alguns municípios, esse evento está sendo considerado uma nova realidade, e esses produtos utilizados no Programa de Alimentação Escolar.

Finalizando esta discussão, pode-se dizer que, como na história do Brasil, que se caracteriza e se confunde com os ciclos de dominância de culturas agrícolas desde sua formação econômica, na região do Alto Jacuí esta realidade é observada com a produção de soja, não pela exclusividade, mas pela predominância de cultivo. Quatro décadas se passaram desde que as primeiras sementes de soja foram plantadas na região. Diversos momentos marcaram a evolução da cultura, desde os pioneiros de sua introdução à adaptação ao sistema agrícola, e o avanço tecnológico nos anos 70, como o plantio direto e a transgenia nos anos 90.

Têm-se realidades muito diferentes no meio rural da região, de uma nuance que vai transitar pela questão da etnia, pelo tamanho da propriedade, pela atuação do município na diversidade de culturas e na preocupação com o meio rural. A questão da diminuição da população rural em municípios como Ibirubá, Quinze de Novembro, Selbach, Lagoa dos Três Cantos, Não-Me-Toque, que possuem uma base étnica e cultural que interfere no contexto da diminuição da população rural, atrelado ao apreço pela propriedade, do apreço pela produção. Por mais que o sistema tenha sido engolido pelo sistema soja, é nesses municípios onde se encontra muito mais a produção de soja, atrelada ao sistema associado a outras atividades. É pouco, mas se encontra nas propriedades leite, fruticultura, olericultura, turismo rural.

5 Considerações finais

Dentro dos limitantes de generalização, próprios do método de investigação e interpretação adotado, pode-se dizer que os fatores relacionados com a diminuição da população rural que foram abordados neste estudo estão presentes em todos os municípios da região. Contrariando a realidade de muitas regiões do Estado – onde há diversidade de ocupações no meio rural, como residência, esporte e lazer, que pode inverter o movimento de uma fração da população em direção às áreas rurais – na região do Alto Jacuí, muito aquém de representar uma função paisagística, cultural ou ambiental, predomina a função produtiva. Assim, na região, há coincidência entre espaço rural e a atividade agrícola, sendo as atividades não agrícolas pouco exploradas no espaço rural da região.

O envelhecimento da população vem se tornando um desafio e uma temática relevante sob o ponto de vista acadêmico e de políticas públicas, sendo uma realidade na maioria dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, tanto no meio urbano quanto no rural. As dificuldades apontadas pelo produtor para se manter no meio rural são inerentes a algumas atividades agrícolas, porém em produção de lavoura, estas dificuldades são menos importantes. No entanto, os problemas de saúde, as limitações de transporte, a distância dos recursos sociais e de saúde, dentre outras dificuldades, são sentidas com maior intensidade na população de idosos, devido à crescente fragilidade com a aproximação do final da vida.

O produtor rural depois de ter dedicado parte de sua vida à atividade agrícola, espera que depois de aposentado possa ter uma vida tranquila. No entanto, a distância que o meio rural representa em relação à infraestrutura de que ele necessita, principalmente quando tratam-se de serviços de saúde, faz com que busque fora do meio rural esta tranquilidade.

Se, por um lado, a questão do envelhecimento representa um avanço de qualidade de vida da população, por outro, impõe uma importante responsabilidade sobre as políticas públicas tanto no meio rural quanto no urbano. As políticas setoriais de acesso à saúde perpassam todas as demais, não somente com relação a tratar os desafios do envelhecimento, mas, sobretudo, com vistas à construção de um entorno favorável para que este produtor possa optar pela sua continuação no meio rural.

É, pois, no modelo de desenvolvimento agrícola da região, baseado no desenvolvimento agrícola da soja, trigo e milho, que tem as suas variáveis centrais de reprodução determinadas por ações modernizadoras dos processos produtivos e alicerçadas no aumento de produtividade, sendo determinado por critérios econômicos ligados restritamente à questão agrícola.

AGING OF PRODUCERS IN RURAL AREAS IN THE REGION OF HIGH JACUÍ/RS AND CONSEQUENTIAL MIGRATION

abstract

The objective of this study aimed to analyze the factors related to the aging of the rural population in the Upper Jacuí (RS), which interfere with the decreasing number of residents through rural. The empirical setting to the study were the 14 municipal districts from the Cruz Alta region, through the methodological cropping from CORED Alto Jacuí. Through the sample for accessibility, it were fulfilled 171 (one hundred and seventy-one) interviews including producers that sold or rent their properties and migrated to the city, buyers or tenants and Rural Segment. The analysis of the qualitative data was fulfilled by the method of analysis of the content, so, the description of the research data presents extracts directly taken from the original annotations. The results of the research indicate that the output retired elderlies to the city from their municipal district seems imply a natural process in that model of development. Thus, the difference between rural and urban, as it is infrastructure it needs, especially when you need health care, seek out causes of this rural tranquility.

key words

Population. Aging. Development. Migration.

referências

ALBUQUERQUE, Marcos Cintra C.; NICOL, Robert. *Economia agrícola: o setor primário e a evolução da economia brasileira*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

BRASIL. *Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER, 2010. *Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese) dos municípios do Rio Grande do Sul: 2000-2008*. Porto Alegre: FEE, 2010. Disponível em: <www.fee.tche.br>. Acesso em: 24 mar. 2010.

GEORGE, Pierre. *Geografia rural*. São Paulo: Difel, 1982.

GONÇALVES, Maria Flora (Org.). *O novo Brasil urbano: impasses, dilemas, perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *Censos agropecuários*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 maio 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das Agriculturas do Mundo: do neolítico à crise contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

MERA, Claudia Maria Prudêncio De. *A população rural na região do Alto Jacuí/RS: análise sob a perspectiva do desenvolvimento agrícola*. 2011. 263 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NEVES, Marcos Fava; CHADDAD, Fabio R.; LAZZARINI, Sérgio G. *Gestão de Negócios em Alimentos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RIBEIRO, José Luiz Duarte; NODARI, Christine Tessele. *Tratamento de dados qualitativos: técnicas e aplicações*. Porto Alegre: FEENG/UFRGS, 2001.

ROSSETTI, José Paschoal. *Introdução a economia*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1976.

TODARO, Michael. *Introdução à economia: uma visão para o terceiro mundo*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

Recebido em: 29/09/2013

Aceite final: 14/11/2014